

Modelos teóricos de prática informacional e institucionalização da informação¹

Gislene Lopes Bastos

Estudante de graduação em Biblioteconomia da Universidade de Brasília – UnB. Pesquisadora do Programa de Iniciação Científica – PROIC/UnB

Rodrigo Rabello

Orientador da pesquisa. Docente da Faculdade de Ciência da Informação – FCI – da UnB. Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP.

As práticas informacionais são ações de busca, uso e construção da informação em um contexto sociocultural, englobando os aspectos individual e coletivo da vida cotidiana, mediante as quais os produtos informacionais da atividade humana atingem alguma objetivação por meio do processo de institucionalização da informação. Nesse sentido, o estudo visa comparar modelos teóricos de prática informacional para apresentar suas contribuições para o estudo da relação entre vida cotidiana e institucionalização da informação. Trata-se de abordagem qualitativa, baseada em pesquisa bibliográfica. Inicialmente se apresenta um panorama conceitual de práticas informacionais na perspectiva da vida cotidiana e seus desdobramentos na construção da informação para, em seguida, apresentar o cenário contextual da institucionalização da informação. A análise possibilitou a constatação da relevância dos modelos teóricos como subsídio para a compreensão da institucionalização da informação, além de evidenciar aspectos convergentes e divergentes no interior de tais modelos. Com base na análise realizada foi possível inferir que os modelos teóricos de prática informacional são mecanismos conceituais que representam determinados aspectos da vida cotidiana, contribuindo como subsídio para o entendimento do processo de institucionalização da informação.

Palavras-Chave: *Práticas informacionais. Vida cotidiana. Institucionalização da informação.*

¹ Pesquisa realizada no âmbito do projeto PROIC “Documento e institucionalidades: dos valores probatórios à validação da informação”, sob a responsabilidade do Dr. Rodrigo Rabello, professor do Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Resumo do texto apresentado no Congresso de Iniciação Científica da UnB, 2018. Edital PROIC UnB 2017/2018. Relatório formatado conforme parâmetros da revista *Perspectivas em Ciência da Informação*.

Theoretical models of information practice and institutionalization of information

The information practices are actions of search, use and construction of information in a sociocultural context, that include individuals and collective aspects of everyday life, in which the informational products of human activity reach an objectification through the process of institutionalization of information. In this sense, the study aims to compare theoretical models of informational practice to present their contributions to the study of the relationship between daily life and institutionalization of information. This is a qualitative approach, based on bibliographic research. Initially, is presented a conceptual panorama of information practices in everyday life perspective and its unfolding in the construction of the information, besides presenting the contextual scenario of the institutionalization of the information. The analysis made it possible to verify the relevance of the models as a subsidy for the understanding of the institutionalization of information, besides showing convergent and divergent aspects within such models. Based on the analysis carried out, it was possible to infer that the theoretical models of informational practice are conceptual mechanisms that represent certain aspects of daily life, contributing as a subsidy to the understanding of the information institutionalization process.

Keywords: *Information Practices. Everyday life. Institutionalization of information.*

1 Introdução

As práticas de informação, que podem ser compreendidas como práticas informacionais, permitem a visualização da “[...] construção discursiva, social, coletiva e contextualizada nos processos de produção, mediação e apropriação de conhecimentos” (ZATTAR; MARTELETO; VARANDA, 2016), tendo como referência a vida cotidiana. Os estudos de práticas informacionais na perspectiva social apresentam sujeitos que participam da concepção de seus próprios parâmetros e na construção do conhecimento.

Nesse sentido, Alves e Salcedo (2018) evidenciam que a abordagem de práticas informacionais é importante por “[...] considerar o sujeito um ator social que, além de ser um ser ativo na busca e compartilhamento de suas ações, realiza-as em meio a uma coletividade e atribui significado a elas”.

A análise do contexto sociocultural dos indivíduos é relevante para entender o processo de institucionalização da informação, pois permite compreender as estruturas construtivas das comunidades discursivas. Por meio da abordagem coletivista é possível observar como os significados dos discursos são construídos coletivamente e como são legitimados. Prigoda e Mckenzie (2007, p. 109) evidenciam que desvendando

[...] os nós contextuais, conseguimos desenvolver uma compreensão das muitas e complexas formas em que uma comunidade de discurso constrói

coletivamente significados, e os modos como as práticas de informação dessa comunidade se relacionam com essa construção. (tradução nossa).²

Por meio desses pressupostos verifica-se a pertinência de reconhecer a relevância das práticas informacionais no processo de legitimação da informação, fenômeno que pode ser analisado através da abordagem dos aspectos da vida cotidiana. O mundo da vida cotidiana apresenta uma dimensão de significados socialmente construídos e compartilhados em diversas comunidades de justificação, sendo que a objetivação dos discursos existentes nessa realidade social requer instrumentos dotados de capacidade legitimadora que esclareça e comprove essas objetivações sociais.

Diante do exposto, faz-se relevante investigar *em que dimensão a vida cotidiana, no contexto das práticas informacionais, influencia no processo de institucionalização da informação*. Busca-se compreender essa relação por meio de modelos teóricos de práticas informacionais sistematizados por Rocha, Duarte e Paula (2017).

Nessa direção, o presente estudo tem como objetivo comparar modelos teóricos de prática informacional para apresentar suas contribuições para o estudo da relação entre vida cotidiana e institucionalização da informação. Objetiva, especificamente, identificar a contribuição de tais modelos de práticas informacionais para a consideração do enfoque da vida cotidiana em contextos de institucionalização da informação, considerando aspectos conceituais convergentes e divergentes.

Para tanto, foi realizada pesquisa qualitativa e bibliográfica³ em cuja interpretação dos dados foi realizada mediante instrumento de coleta e análise do conteúdo. Esta abordagem qualitativa explora “[...] o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em estudo” (MICHEL, 2015, p. 40). A pesquisa bibliográfica compreende a “[...] análise de documentos de domínio científico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos.” (OLIVEIRA, 2016, p. 69). Realizou-se “mapeamento” sobre “práticas informacionais” abrangendo autores, conceitos e discursos que permeiam a temática.⁴ Após o levantamento, realizou-se análise do conteúdo que consiste em um “[...] levantamento de dados que utiliza textos, falas, informações já coletados, de forma extensiva, ou seja, é uma análise feita a posterior à coleta” (MICHEL, 2015, p. 87). Os documentos foram analisados com o intuito de observar os discursos existentes que servem de arcabouço para elucidar as indagações iniciais.⁵

² “By unravelling the knotted contextual strands we have been able to develop an understanding of the many and complex ways in which a discourse community collectively constructs meaning, and the ways that the information practices of that community relate to that construction.” (PRIGODA; MCKENZIE, 2007, p.109).

³ O mapeamento dos textos sobre o tema “práticas informacionais” foi realizado entre agosto de 2017 e junho de 2018. Foram realizadas consultas no Portal de Periódicos de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), nas bases de dados nacionais ABCDM e BRAPCI que possuem maior cobertura do tema; nas bases internacionais Library and Information Science Abstracts (LISA), EMERALD; Library, Information Science and Technology Abstracts (LISTA), Web of Science (WoS) e Scopus; e nos anais de eventos do ENANCIB.

⁴ No processo de busca de informação nas bases de dados, a pesquisa foi realizada por meio de busca avançada, sendo utilizados os operadores booleanos AND, OR e NOT; em algumas bases utilizaram-se até três estratégias de busca com o intuito de reduzir a revocação e aumentar a precisão. Nas bases nacionais não houve restrição em relação à data, ao período, ao tipo de documento; já nas bases internacionais, as buscas foram mais específicas, optando-se pelo idioma espanhol e inglês; em alguns casos tipificados os documento de interesse, como na EMERALD e na WoS, respectivamente, artigos e capítulos e somente artigos.

⁵ Com o mapeamento do tema, chegaram-se a 23 (vinte três) artigos, sendo 18 (dezoito) das bases de dados nacionais (ABCDM e BRAPCI) e 5 (cinco) das internacionais (neste caso, considerou-se apenas as bases Lisa e EMERALD por apresentarem maior cobertura da temática e com intuito de evitar duplicidade dos artigos). A

O texto está estruturado em cinco seções centrais, além da introdução e das considerações finais: práticas informacionais em contextos transversais (seção 2), vida cotidiana e construção social da informação (seção 3), institucionalização da informação (seção 4), modelos de práticas informacionais (seção 5) e práticas informacionais e institucionalização da informação (seção 6).

2 Práticas informacionais em contextos transversais

As práticas informacionais emergiram num contexto de enaltecimento da dimensão da vida cotidiana, que nortearam a análise dos estudos de busca de informações dos usuários sob o prisma do aspecto social. O processo de consolidação da base conceitual passou por barreiras como a ambiguidade de aceitação do termo, dado que as diversas áreas do conhecimento podem adotar significados distintos de acordo com o seu escopo (SAVOLAINEN, 2007).

As variações terminológicas foram evidenciadas inicialmente por Bourdieu e, posteriormente, por Marteleto, que interpretou, no bojo da ciência da informação, aspectos da teoria daquele sociólogo. A contribuição de Bourdieu a essa temática, conforme destaca Araújo, pode ser observada

[...] por meio da expressão “praxiológica”, [que traz consigo] a ideia de “práxis”, isto é, o movimento mesmo por meio do qual os sujeitos agem no mundo e, como causa e também consequência dessa ação, constroem esse mesmo mundo. Essa é a ideia básica que fundamenta o conceito de “práticas” presente na expressão “práticas informacionais”. (BOURDIEU, 1996 apud ARAÚJO, 2017, p. 220).

Já Marteleto (1995) contribuiu ao pressupor que “[...] toda prática social é uma prática informacional.” (apud ZATTAR; MARTELETO; VARANDA, 2016). Outros teóricos também apresentaram contribuições que servem para sustentar essa argumentação, ao abordar os estudos de práticas informacionais na perspectiva de um paradigma socioconstrucionista, no qual as atividades informacionais são compreendidas como práticas sociais (HARLAN, 2012; MCKENZIE, 2003; SAVOLAINEN, 2007; ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017). Silva e Nunes (2014), por exemplo, defendem que as práticas informacionais estão diretamente associadas a práticas sociais, sendo que nascem a partir da experiência oriunda da vida cotidiana coletiva.

A necessidade de discutir a influência da vida cotidiana no processo de busca, uso e compartilhamento de informação foi o fomento para o surgimento do conceito de práticas informacionais. Savolainen (2007, p. 121, tradução nossa) evidencia que a principal característica é a “[...] ênfase colocada no papel dos fatores contextuais da busca, uso e compartilhamentos de informação”.⁶ Já Silva (2015) define este conceito como “[...] ações de emissão, recepção, uso e geração de informação que se desenvolvem na relação comunicacional entre sujeitos num determinado espaço social”.

O conceito de práticas informacionais despontou numa dimensão mais abrangente, englobando tanto o aspecto individual como coletivo da busca de informação dos usuários (DUARTE, 2017). Tal conceito oferece contraponto ao conceito de comportamento

partir do mapeamento do tema, a escolha e a seleção dos 18 (dezoito) textos citados no presente artigo ocorreu com anuência do orientador da pesquisa.

⁶ “[...] *emphasis placed on the role of contextual factors of information seeking, use, and sharing*” (SAVOLAINEN, 2007, p.121)

informacional o qual se orienta pela abordagem cognitiva focada no indivíduo, desconsiderando o seu contexto sociocultural.

Autores como Chauí (1984 apud ARAÚJO, 2017), Mckenzie (apud ARAÚJO, 2017), Tuominen, Tajla e Savolainen (2005 apud DUARTE, 2017), The behaviour... (2009 apud RABELLO, 2017) compartilham da mesma concepção ao considerar o caráter restritivo do termo comportamento informacional. Evidenciam, a contrapelo, a amplitude de práticas informacionais que propicia uma análise sociológica das ações informacionais dos sujeitos, observando as ações espontâneas e casuais. Ressaltam, ainda, o aspecto construcionista das práticas informacionais, segundo o qual os sujeitos têm participação ativa e passiva na configuração do contexto informacional mediante interações sociais. Contrariando as perspectivas dos demais teóricos, Wilson (apud RABELLO, 2017) não visualiza as práticas informacionais interdependente do comportamento informacional, acreditando ser uma parte constituinte desse último que inclui os processos cognitivos, físicos e sociais.

3 Vida cotidiana e construção social da informação

Partindo do pressuposto conceitual de informação na perspectiva etimológica, a informação pode ser compreendida como uma prática social dotada de atribuição e comunicação de sentido (ARAÚJO, 2001). Nessa perspectiva, a informação é colocada sob o prisma da prática social. O processo de produção, organização e consumo de informação deve ser compreendido no contexto social, dado que ocorre entre as diversas comunidades discursivas e suas interações sociais (NASCIMENTO, 2005).

A atribuição de sentido à informação ocorre no contexto da realidade cotidiana, sendo que “[...] a informação não é um objetivo em si mesma” (ARAÚJO, 2001), pois decorre da reapropriação ou agregação de valores instituídos pela sociedade discursiva vigente. Isso porque “[...] o conhecimento não existe sem o homem social que constrói o seu mundo, isto é, a sua realidade cotidiana” (NASCIMENTO, 2005). Segundo Berger e Luckmann (2011, p.35), a realidade cotidiana consiste em “[...] uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente”. Para esses autores, tal realidade se apresenta como um mundo intersubjetivo, permeado pela interação entre os indivíduos que compartilham da mesma realidade.

O mundo da vida cotidiana é construído a partir do conhecimento e das práticas dos homens comuns as quais, por meio de objetivações, tornam esse contexto como realidade certa. Sendo que essa realidade divide-se em setores caracterizados como zonas da vida cotidiana, que compreende o mundo ao alcance do indivíduo, no qual ele atua e modifica a sua realidade existente (BERGER, LUCKMANN, 2011).

Segundo Shutz (1979 apud MINAYO, 2010, p.144) “[...] o mundo cotidiano apresenta-se [...] nas tipificações construídas pelos próprios atores sociais, que expressam suas próprias relevâncias ao classificar a realidade”. Nesse sentido, aquele autor apresenta três conceitos que caracterizam o ator social no contexto da realidade cotidiana: a) situação: o lugar que alguém ocupa na sociedade, o papel que desempenha e seu posicionamento social, político, cultural; b) experiência biográfica: estabelece que o indivíduo está situado biograficamente no mundo da vida, sendo que é nessa conjuntura que pensa, sente e age; c) estoque de conhecimento: consolidação das experiências e situações vivenciadas, no qual o ator social interpreta o mundo e pauta sua ação. O cabedal de informações apreendidos no mundo cotidiano será tipificado ou subjetivado de acordo com acervo social do conhecimento de cada indivíduo, pois o estoque social do conhecimento fornece os elementos tipificadores da rotina da vida cotidiana, que servem de subsídio para a atribuição de sentido à informação (BERGER; LUCKMANN, 2011). O acervo social de conhecimento consiste na

[...] experiência do indivíduo, tanto histórica como biográfica, pode ser objetivada e acumulada. Tal processo de acumulação é seletivo e constrói um acervo social de conhecimento, que é transmitido de uma geração para outra e é utilizado pelo indivíduo na vida cotidiana. (BERGER; LUCKMANN, 1985 apud ARAÚJO, 2001).

O acervo social do conhecimento “[...] é estruturado em termos do que é geralmente relevante e do que é somente relevante para papéis particulares.” (BERGER; PETER, 2011, p.103). Ao receber as informações, os indivíduos determinam sua carga simbólica recorrendo ao seu acervo social de conhecimento, que determina o que será retido e o que será dispensado, sendo que uma informação dispensada em determinado contexto pode ser resignificada em outra conjuntura, pois o conhecimento acumulado do indivíduo é a representação de uma sociedade de discurso de determinado período (ARAÚJO, 2001).

Para Schutz (1979 apud MINAYO, 2010, p.144), os conhecimentos construídos a partir da compreensão da realidade social são divididos em três categorias: a) o vivido e o experimentado no cotidiano; b) a epistemologia que investiga esse mundo vivido; e c) o método científico para proceder à investigação. Na vida cotidiana, o conhecimento é legitimado dentro de um universo simbólico, que compreende “[...] processos de significação que se referem a realidades diferentes das pertencentes à experiência da vida cotidiana.” (BERGER; PETER, 2011, p.126-127). São significados socialmente objetivados e subjetivamente reais, no qual “[...] a sociedade histórica inteira e toda a biografia do indivíduo são vistas como acontecimentos que se passam dentro desse universo.” (BERGER, PETER, 2011, p.127). Segundo esse raciocínio, a cristalização das objetivações sociais seguem o processo de objetivação, sedimentação e acumulação do conhecimento.

4 Institucionalização da informação

A institucionalização da informação ocorre dentro de um mundo institucional, isto é, um mundo que consiste na atividade humana objetivada. Sucede sempre que há “[...] uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores”. (BERGER; PETER, 2011, p. 77). Essas objetivações requerem mecanismos pelos quais podem ser explicadas e justificadas, ou seja, a legitimação que consiste na “[...] ordem institucional outorgando validade cognoscitiva a seus significados objetivados.” (BERGER; PETER, 2011, p. 124).

Segundo Berger e Peter (2011), a legitimação ocorre em quatro níveis. Primeiro nível: consiste no nível pré-teórico, no qual ocorre a legitimação incipiente; é o conhecimento elementar que caracteriza as informações tradicionais simples, como, por exemplo, as respostas dadas ao “por quê?” das crianças, sendo que são visualizadas no processo de transmissão das objetivações linguísticas entre os indivíduos. Segundo nível: corresponde as proposições teóricas rudimentares, conjunto de objetivações altamente pragmáticas relacionadas a ações concretas; são exemplificadas pelos provérbios, máximas morais, adágios da sabedoria, lendas e histórias populares. Terceiro nível: teorias legitimadoras especializadas, no qual as teorias explícitas de um setor institucional é submetida ao crivo de um corpo diferenciado de conhecimentos. É responsável por quadros de referência que atende aos diversos setores de conduta institucionalizada. Quarto nível: corresponde aos universos simbólicos. É a integração entre os diversos níveis de legitimação e abrange as diferentes áreas de conhecimentos, incluindo o mundo institucional em sua totalidade, ou seja, “[...] todos os setores da ordem institucional acham-se integrados num quadro de referência global”. (BERGER; PETER, 2011, p. 127).

A institucionalização das práticas informacionais por ser pensada num cenário informacional respaldado pela conjuntura dos termos regime, validação e materialidade. Entende-se por institucionalidade no contexto documental como sendo “[...] atribuição de

valor cuja autoridade é reconhecida por outrem.” (RABELLO, 2018, p. 149) por meio da qual os sujeitos dotados de julgamento de valor definem a legitimidade da informação.

Ao considerar que “[...] todo sujeito que interage no tecido social [...] se molda por institucionalidades, posicionamentos e concepções de mundo” (RABELLO; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2017, P. 29), reconhece-se a dimensão da institucionalização da informação. A carga valorativa da informação é forjada em contextos transversais, que reflete o cenário informacional vigente em determinado período, isto posto, González de Gomez (2012, p. 43) traz à luz o conceito de regimes que evidencia como sendo “[...] o modo informacional dominante em uma formação social”. Reflete então, uma ordem sociocultural e política, que caracterizam “[...] quais os meios e os recursos preferenciais de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2012, p. 43). Nessa perspectiva, Nascimento e Marteleto (2007, p. 406, tradução nossa) contribuem ao evidenciar que “[...] a análise da prática informacional é ditada pelas condições de existência [...] circunstâncias políticas, econômicas, acadêmicas e institucionais.”⁷

O processo de construção da institucionalização da informação considera o contexto social e os discursos normativos vigentes em determinado período. González de Gómez (2014, p. 225) entende por discurso normativo o “[...] uso da linguagem na qual expressamos avaliações e prescrições, e oferecemos razões a favor ou contra avaliações ou prescrições.” E complementa: o discurso normativo é constituído pela pluralidade de enunciados, como o “[...] discurso moral, o estético, o jurídico, religioso, legal, econômico, sobre etiqueta e costumes, e outros que fazem avaliações e distinções”.

O delineamento da substancialidade desses discursos requer representações visíveis que possam ser analisadas. Nesse sentido, Frohmann (2006) apresenta o conceito de materialidade da informação a partir da perspectiva de enunciados de Foucault, por meio da qual busca compreender a existência do enunciado, não se limitando apenas ao seu conteúdo e forma, mas observando como ocorreu seu surgimento, o cenário normativo que provocou sua transformação e ampliação, além das possíveis conexões entre enunciados e o seu processo de extinção. Consideram-se as características materiais que permitem que o enunciado seja analisado, ponderando ao evidenciar que a materialidade do enunciado não se traduz apenas na existência do objeto físico, mas é aferida pela sua massa, inércia e resistência. A materialidade do discurso depende então da carga simbólica que lhe é atribuída, sendo que sua valoração está atrelada a validação do discurso.

O processo de validar decorre da valoração dos processos sociais e culturais, por meio dos quais “[...] os enunciados expostos são divulgados e submetidos ao crivo de uma comunidade de relevância de uma área do saber, entre os pares, ou grupo social” (LIMA; MIGLIOLI; LIMA, 2015, p.35). Pode ocorrer mediante instrumentos avaliativos nos quais a informação possa ser hierarquizada ou os elementos possam ser estimados, como revisão de pares e indicadores bibliométricos. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2014).

5 Modelos de práticas informacionais

5.1 Modelo ELIS

Os estudos sob a perspectiva de práticas informacionais teve como expoente o modelo Everyday Life Information Seeking (ELIS) de Savolainen, proposto com o intuito de investigar como o processo de busca da informação, oriunda da vida cotidiana, incide na

⁷ “[...] *the informational practice analysis is dictated by the conditions of existence [...] and political, economic, academic and institutional circumstances.*” (NASCIMENTO, MARTELETO, 2007, p.406).

preferência de determinadas fontes de informação. Além disso, sugere que a dimensão formal e as rotinas diárias da vida são conceitos complementares (ARAÚJO, 2017).

O modelo se estrutura sob dois aspectos: o modo de vida (*way of life*) que corresponde aos componentes socioculturais; corresponde ao conjunto de escolhas que os usuários fazem influenciados pelos fatores que constituem o *habitus* (ROCHA DUARTE; PAULA, 2017). O *habitus* é a junção do caráter primário e secundário, respectivamente, o conhecimento acumulado socialmente no âmbito familiar e o conhecimento advindo de outras instituições como a escola, sendo que ele é exercido no contexto social, econômico e político (NASCIMENTO; MARTELETO, 2007).

Outro aspecto é o domínio de vida (*mastery of life*). Este domínio está relacionado à resolução dos problemas oriundos da vida cotidiana, sendo subdividido em quatro: o cognitivo-otimista (*optimistic-cognitive*), que consiste na convicção em alcançar resultados favoráveis que solucione os problemas. Cognitivismo-pessimista (*pessimistic-cognitive*), compreende a existência de problemas que não podem ser solucionados, independente da busca incessante de informação. Afetivo-defensivo (*defensive-affective*), vislumbre otimista de solucionar o problema, evitando qualquer possível falha. Afetivo-pessimista (*pessimistic-affective*), consiste na desconfiança e na crença de inabilidade por parte dos sujeitos para a resolução dos problemas (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

A partir desse modelo Savolainen realizou uma pesquisa entre professores e industriais finlandeses, com o intuito de observar possíveis discrepâncias em virtude das diferenças educacionais e socioculturais. Porém tal fato não se constatou absolutamente, pois foi possível evidenciar que além de apresentar diferenças entre esses dois grupos, dentro da mesma classe social também havia discrepância (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

5.2 Modelo bidimensional

O modelo se estruturou a partir da investigação das práticas informacionais de 19 mulheres canadenses grávidas de gêmeos, tendo como subsídio o conceito de vida cotidiana, estabelecido por Savolainen. Foram investigados quatro modos de busca de informação: busca ativa (*Active seeking*), as pesquisas são realizadas de forma direcionada, pois os participantes realizam buscas em fontes de informação específica nos quais possuam um conhecimento prévio, ou pesquisam por meio de perguntas planejadas. Varredura ativa (*Active scanning*), na qual os participantes reconheceram prováveis fontes que pudessem proporcionar um retorno favorável de informações úteis. Monitoramento não-dirigido (*Non-directed monitoring*), consiste na localização eventual de informação, em fontes de informações inesperadas. Por-procuração (*By proxy*), a busca informacional é realizada com o auxílio de outro agente, como o bibliotecário (YEOMAN, 2010). Além desses quatro modos de busca, o modelo compreende duas etapas: conexão (*connecting*), na qual a fonte é localizada e a ligação é estabelecida. E interação (*interacting*), na qual os sujeitos interagem com os recursos informacionais escolhidos (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

Por meio da situação vivenciada pelos sujeitos da pesquisa, foi possível identificar as características informacionais desse grupo, como o encontro eventual de informação.

[...] as formas ativas e acidentais de busca de informação; os papéis das diferentes fontes de informação (p. ex.: médicos e outras mães de gêmeos); a forma como as mulheres classificam as fontes de informação como confiáveis e úteis e as formas como elementos temporais da gravidez foram relacionados à busca de informação. (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017, p. 45).

As etapas de conexão e interação possibilitou respectivamente, a identificação de barreiras no processo de identificar fontes potenciais, e a possibilidade de superar essas barreiras por meio de estratégias, como a busca sistemática e a formulação de questões específicas (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

5.3 Versão estendida do modelo de McKenzie

O estudo realizado por Yeoman (2010) investigou 35 mulheres inglesas na menopausa, consistindo em verificar possíveis diferenças e semelhanças com os resultados encontrados no modelo bidimensional de McKenzie; objetiva também observar se o modelo é adaptável em outros contextos. Então, sob a perspectiva do modelo de McKenzie, foram analisadas quatro características relacionadas a esse grupo: a construção de sentido da situação; repertórios interpretativos da menopausa; recepção e oferta de conselhos, informação e apoio; e desafio ao encontrar informação e apoio (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

Yeoman constatou a flexibilidade do modelo bidimensional, mas considerou necessário acrescentar o tópico *uso da informação*, ao identificar que o “[...] indivíduo buscador de informação tornava-se, também, uma fonte de informação.” (ROCHA, DUARTE, PAULA, 2017, p. 48-49). Outro aspecto acrescentado ao modelo corresponde à constatação de que não é possível superar todas as barreiras com êxito. O estudo também permitiu verificar que não houve menção de encontros eventuais de informação ou recursos informacionais.

5.4 Modelo de práticas informacionais de adolescentes criadores de conteúdos digitais

Mary Ann Harlan investigou as práticas informacionais de onze adolescentes norte-americanos; foram observadas atividades realizadas em seu cotidiano no processo de criação de conteúdos digitais. No desenvolvimento de estruturação do modelo, foram criadas cinco categorias de experiências de informação (*experiences of information*) e três categorias de ações informacionais (*information actions*) dos participantes, sendo que as práticas informacionais nesse contexto são resultantes da intersecção de ambos (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

Os elementos que compõem as experiências de informação são: a) informação como participação (*information as participation*), resultante do convívio social dentro de uma comunidade regida por regras e normas; b) informação como inspiração (*information as inspiration*), vivenciada no cotidiano, às vezes por ideias eventuais; c) informação como colaboração (*information as collaboration*), consiste na criação de conteúdo mediante o compartilhamento do conhecimento e a habilidade; d) informação como processo (*information as process*), consiste em produzir conteúdo, tendo qualificação para manusear as ferramentas disponíveis; e) informação como artefato (*information as artifact*), correspondo ao conteúdo finalizado, vídeos, músicas, dentre outros; tal conteúdo sofre a interferência da comunidade discursiva vigente (ROCHA; DUARTE; PAULA, 2017).

Tais experiências podem ser compostas: a) coleta (*gathering*), que consiste na busca direta e de modo eventual, dentre outras; b) compreensão (*thinking*), atividades que demandam observação, reflexão, avaliação, dentre outras; c) criação (*creating*), consiste em procedimentos como a realização de cópia, modelagem e composição. A convergência desses fatores originou as cinco práticas informacionais que compõem esse modelo: comunidade de aprendizagem (*learning community*), negociação da estética (*negotiating aesthetic*), negociação de controle (*negotiating control*), negociação de capacidade (*negotiating capacity*) e representação do conhecimento (*representing knowledge*).

Na comunidade de aprendizagem, o adolescente vai compreender os diversos discursos que permeia a comunidade e optar por inserir-se ou não nesse contexto, criando conteúdo que atenda os critérios estabelecidos pela comunidade. Na negociação de estética é definida a originalidade e o valor do conteúdo ou do espaço informacional. Na negociação do controle, os adolescentes por meio da convivência com outros integrantes constroem uma concepção do conhecimento existente na comunidade. A negociação de capacidade permite visualizar as habilidades e qualificação dos adolescentes na configuração de novos produtos. A representação do conhecimento é a resultante da confluência de negociação de estética, controle e capacidade.

6 Práticas informacionais e institucionalização da informação: aspectos convergentes e divergentes

Os modelos enquanto instrumentos de contribuição da institucionalização da informação são mecanismos de investigação que possibilitam a compreensão de teorias e do mundo, dado que são uma “[...] criação cultural [...] destinadas a representar uma realidade, ou alguns aspectos, a fim de torná-los descritíveis qualitativa e quantitativamente.” (SAYÃO, 2001, p. 83). São estruturas representativas da realidade humana, tendo como características a capacidade de coletar, definir e ordenar a informação.

O estudo abordou quatro modelos de práticas informacionais que buscaram identificar as buscas e uso da informação no contexto da vida cotidiana: Modelo ELIS, Bidimensional, Versão estendida do modelo de Mckenzie e modelo de práticas informacionais de adolescentes criadores de conteúdos digitais. O quadro abaixo apresenta de forma sistematizada as principais características dos modelos citados, apontando aspectos convergentes e divergentes. O símbolo **×** corresponde à ausência da característica no modelo, o símbolo  quando não há como inferir se existe ou não a presença dessa característica, o símbolo  indica a presença da característica e, por fim, o símbolo  indica quando o modelo apresenta característica que pode estar presente ou não, dependendo da situação.

Quadro – Modelos de práticas informacionais

	<u>ELIS</u>	<u>Bidimensional</u>	<u>Versão estendida</u>	<u>Criadores de conteúdo Digital</u>
Autor	Savolainen	McKenzie	Yeoman	Mary Ann Harlan
Público	Professores e industriais finlandeses	Mulheres canadenses grávidas de gêmeos	Mulheres inglesas na menopausa	Adolescentes norte-americanos
Contexto	Vida cotidiana	Vida cotidiana	Vida cotidiana	Vida cotidiana
Flexibilidade				
Monitoramento não-dirigido				
Uso da informação				
Êxito nas barreiras informacionais				

Fonte: Elaboração própria

A *flexibilidade* consiste na capacidade de o modelo de ser adaptável em outros contextos; considera-se todos os modelos adaptáveis, apesar de não haver algo expresso em

relação ao modelo *ELIS*. Ainda assim, serviu de parâmetro para os demais modelos, dependendo que o mesmo é flexível. O modo de busca de informação de *monitoramento não-dirigido* corresponde ao encontro casual de informação em fontes inesperadas, sendo umas das características do *modelo bidimensional*, podendo ser visualizado também no *modelo de criadores de conteúdo digital* nas categorias experiências e ações de informação, respectivamente, nas subcategorias informação como inspiração e coleta. O modelo *Versão estendida* não apresenta a ocorrência desse evento. No *ELIS* não há como inferir.

Em relação ao *uso da informação* consiste no reconhecimento de que indivíduo além de ser o buscador de informação pode também ser fonte de informação; esse aspecto foi considerado a partir do modelo da *Versão estendida*; no modelo de *Criadores de conteúdo digital* também ocorre podendo ser visualizado nas categorias comunidade de aprendizagem e negociação de controle. No que concerne ao *êxito nas barreiras informacionais*, consiste na ideia de que as barreiras sempre serão superadas, alcançando um resultado positivo. Essa concepção é reforçada no modelo de McKenzie ao evidenciar nas etapas de conexão e interação, respectivamente, a possibilidade de identificação e superação das barreiras. O modelo de Savolainen apresenta a possibilidade da ocorrência dos dois aspectos, visualizado nas subcategorias cognitivo-otimista e cognitivismo-pessimista, respectivamente; consiste na convicção em alcançar resultados favoráveis, e na convicção da existência de problemas que não podem ser solucionados. Em contrapartida, os modelos de Yeoman e Mary Ann Harlan discordam dessa concepção, pois entendem que nem sempre as barreiras podem ser superadas com resultados satisfatórios.

Os elementos citados auxiliam indiretamente no processo de institucionalização da informação, por apresentar características que contribuem para construção dos modelos de práticas informacionais, dado que “[...] um bom modelo traz, em si, na sua própria estrutura, sugestões para a sua própria extensão e generalização.” (SAYÃO, 2001, p.84). A análise dos elementos constitutivos dos modelos traz um diagnóstico que permite vislumbrar quais características se adequam melhor em determinado contexto, quais alterações podem ser realizadas para aprimorar a aplicabilidade dos modelos, isso com o intuito de apresentar os aspectos mais fidedigno possível da realidade ou discurso do qual representam.

6 Considerações finais

O presente estudo considerou os modelos de práticas informacionais como mecanismos conceituais de manutenção e preservação do mundo institucional, mecanismos estes produzidos e construídos pelos sujeitos, ou seja, são produtos da atividade social que representa a realidade socialmente dotada de sentido. Com o intuito de evidenciar a contribuição desses modelos na relação entre vida cotidiana e o processo de institucionalização da informação, foram apresentados quatro modelos de práticas informacionais: Modelo *ELIS* de Savolainen; bidimensional de McKenzie; versão estendida do modelo de McKenzie de Yeoman e modelo de adolescentes criadores de conteúdos digitais de Mary Ann Harlan, sistematizados por Rocha, Duarte e Paula (2017). A abordagem contextual da realidade cotidiana caracteriza os estudos apresentados nos respectivos modelos. Cada análise revela aspectos distintos e, também, pontos que se convergem, algo que evidenciou a relação existente entre indivíduo, informação e contexto social.

Os modelos permitem visualizar as características informacionais do mundo da vida cotidiana, apresentando os atores sociais desse contexto, dentro de sua situação na sociedade, da influência da experiência biográfica e do estoque de conhecimento no momento da busca e uso da informação. Os quatro modelos estudados apresentaram atores sociais em situações que ocupavam papéis e posicionamentos distintos na sociedade: professores, industriais, mulheres, adolescentes, dentre outros. Independente de possuir a mesma instrução

educacional ou posição social, o acervo social do conhecimento de cada indivíduo é distinto, pois a acepção biográfica e o estoque de conhecimento é a representação da experiência vivenciada por cada indivíduo. Fato comprovado no estudo de Savolainen ao constatar que houve discrepância no modo de busca informacional entre os dois grupos de professores e industriais pesquisados e dentro de um mesmo grupo.

Os indivíduos executam atividades institucionalizadas de acordo com o seu acervo de conhecimento e com a realidade social que determina os produtos informacionais da atividade humana que vão ser objetivados. Para que essa objetivação seja reconhecida como conhecimento “certo” na sociedade em questão, requer a sua institucionalização e consequentemente a legitimação, sendo necessário a externalização por meio da materialidade, ou seja, por meio de um instrumento que possa ser analisado, que ofereça condições viáveis e simplificadas de compreensão de determinado discurso. Nesse sentido, os modelos apresentam aspectos que servem como subsídio para compreender e justificar a objetificação de determinado discurso, em virtude da sua dimensão heurística na representação de determinados aspectos da realidade.

Referências

- ALVES, M. S.; SALCEDO, D. A. Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em rede da releitura - PE. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 16, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/27758>>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- ARAÚJO, E. A. A construção social da informação: dinâmicas e contextos. **DataGramZero**, v. 2, n. 5, 2001. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/1246>>. Acesso em: 20 maio 2018.
- ARAÚJO, C. A. Á. O que são “práticas informacionais”? **Inf. Pauta**, v. 2, número especial, p. 217-236, out. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/20655>>. Acesso em: 17 nov. 2017.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 33. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 239 p.
- DUARTE, A. B. S. Práticas informacionais: ensino e pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017. Marília. **Anais...** Marília, 2017. Disponível em: <<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiiencib/ENANCIB/paper/viewFile/120/602>> Acesso em: 28 out. 2017.
- FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M.; MARTELETO, R.; LARA, M. (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2006, p. 19-34. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/handle/123456789/829>>. Acesso em: 1 abr. 2017.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.22, n.3, p. 43-60, set./dez. 2012. Disponível: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_3c42553162_0000011948.pdf> Acesso em: 11 maio 2018.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Da questão da validade ao julgamento de valor: mediação informacional da avaliação científica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15, 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em:

<<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt1>> Acesso em: 11 abr. 2018.

HARLAN, M. A. **Information practices of teen content creators: the intersection of action and experiences.** A Grounded Theory study. 2012. Thesis (Doctor of Philosophy) - School of Information Systems, Science and Engineering Faculty, Queensland University of Technology, Queensland, Austrália, 2012. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/57125/1/Mary_Harlan_Thesis.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2016.

LIMA, K. P.; MIGLIOLI, S.; LIMA, C. V. R. M. Da comissão nacional da verdade ao direito à verdade: a validação discursiva das coleções nas bibliotecas. **Informação@Profissões**, v. 4, n. 1, p. 31-55, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/18149>>. Acesso em: 02 maio 2018.

MCKENZIE, P. J. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, Bingley, v. 59, n. 1, p. 19-40, 2003.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015. 284 p.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407 p. (Saúde em debate ; 46).

NASCIMENTO, D. M. Campo de conhecimento, vida cotidiana e a informação. **Informação & Informação**, v. 10, n. 1, p. 0-0, 2005. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/4353>>. Acesso em: 21 maio 2018.

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. **Social field, domains of knowledge and informational practice.** 2007. Disponível em: <<https://search.proquest.com/docview/217979221?accountid=26646>> Acesso em: 27 set. 2017

NASCIMENTO, D. M.; MARTELETO, R. M. A “informação construída” nos meandros dos conceitos da teoria social de Pierre Bordieu. **DataGramZero**, v. 5, n. 5, p. A05, 2004. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/2050>>. Acesso em: 26 Set. 2017.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016. 244 p.

PRIGODA, E.; MCKENZIE, P. J. Purls of wisdom: A collectivist study of human information behaviour in a public library knitting group. **Journal of Documentation**; Bradford, v. 63, n. 1, p. 90-114, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/00220410710723902>> Acesso em: 29 mar. 2018.

RABELLO, R. Documento e institucionalidades: dimensões epistemológica e política. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 23, n. 51, 2018. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/29211>>. Acesso em: 21 maio 2018.

RABELLO, R. Sujeito e agência informacional: comportamento, prática e ação. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (Org.). **Informação: agentes e intermediação.** Brasília: IBICT, 2017. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/1068>> Acesso em: 18 nov. 2017.

RABELLO, R; GONZÁLEZ de GÓMEZ, M. N. Agentes, intermediações e institucionalidades: apontamentos acerca de um mosaico interpretativo no campo informacional. In: GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N.; RABELLO, R. (Org.). **Informação: agentes e intermediação.** Brasília: IBICT, 2017. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/123456789/1068>> Acesso em: 18 nov. 2017.

ROCHA, J. A. P.; DUARTE, A. B. S.; PAULA, C. P. A. Modelos de práticas informacionais. **Em**

Questão. Porto Alegre. v. 23, n. 1, p. 36-61, jan./abr. 2017. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/67014/39098>> Acesso em 28 out. 2017.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the ‘umbrella concepts’ of information-seeking studies. **Library Quarterly**, v.77, n.2, p.109-132, 2007.

SAYÃO, L. F. Modelos teóricos em ciência da informação: abstração e método científico. **Ciência da informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 82-91, jan./abr. 2001. Disponível em: <
<http://www.brapci.inf.br/v/a/975> > Acesso em 10 de junho 2018.

SILVA, A. K. A. Ciência da informação e educação: ressignificando a formação de cidadãos-leitores - discursos e práticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2015, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte. 2015. Disponível em:
<<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/viewFile/1932/1073>> Acesso em: 04 abr. 2018.

THE BEHAVIOUR/PRACTICE DEBATE: a discussion prompted by Tom Wilson’s review of Reijo Savolainen’s *Everyday Information Practices: a social phenomenological perspective*, Lanham, MD: Scarecrow press, 2008, **Information Research**, v.14, n.2, paper 403. 2009.

SILVA, A. W. C.; NUNES, J. V. Práticas informacionais como paradigma: por uma teoria social da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15, p. 237-255. 2014, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2014. Disponível em:
<<http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt1>> Acesso em: 04 abr. 2018.

ZATTAR, M.; MARTELETO, R. M.; VARANDA, M. P. Produção do conhecimento e prática informacional em campos e domínios inter e transdisciplinares: um recorte conceitual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, 2016. Bahia. **Anais...** Bahia, 2016. Disponível em
<<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3920>> Acesso em: 30 out. 2017.

YEOMAN, A. Applying McKenzie's model of information practices in everyday life information seeking in the context of the menopause transition. **Information Research**, v.15, n. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.informationr.net/ir/15-4/paper444.html> > Acesso em: 28 mar. 2018.